

Nestes breves apontamentos biograficos pretendo apenas mencionar uns simples pormenores ainda no meu pensamento, passados durante a minha ^{juventude} ~~parca~~ actuação no campo da luta pela libertação do homem

A GREVE GERAL DE NOVEMBRO DE 1918

-Mini esboço-

O custo de vida agravava-se cada vez mais; os movimentos pró-aumento de salários eram constantes mercê do desequilíbrio económico provocado pela hecatombe que avassalou o mundo nos anos de 1914-18.

A central operária de então, a União Operária Nacional, (U.O.N.) conscia de que os aumentos de salarios nada resolviam, e nem resolvem, porque se os operários beneficiavam cinco, os géneros aumentavam dez, depois de consultar os sindicatos seus filiados, proclama a dezoito do mês e ano acima citados a greve geral contra a carestia da vida.

Cito este pormenor por ser neste movimento em que actuei como membro do comité local, que recebi o meu batismo de fogo- a minha primeira prisão.

A GREVE DOS TRABALHADORES DAS MINAS DE ALJUSTREL

~~XXXXXXXXXXXXXX~~

Desejaria descrever mais desenvolvidamente factos inolvidaveis que me foi dado presenciar neste movimento

Tem a organização sindical operária de Beja, aderente à C.G.T., a página mais brilhante da sua história, ligada à greve dos trabalhadores das minas de Aljustrel.



A acção dos sindicatos Bejenses foi um dos grandes pilares da-
quele grande movimento, pela solidariedade prestada.

Os trabalhadores Bejenses cumpriram altivamente, humanamente com o
seu dever, quer recebendo carinhosamente as crianças, filhos dos
mineiros em luta, quer contribuindo com importancias arrancadas
às suas tão depauperadas bolças.

Nunca a comissão de apoio aos grevistas da qual fiz parte, se di-
rigiu aos lares dos trabalhadores de Beja, por mais pobres que
fossem, que não se sentisse o calor daqueles humildes corações
que tanto sofrem e sabem sentir o sofrimento dos outros tambem.
O regresso da miudagem aos lares paternos, constituiu um quadro
deveras emocionante que nem quero lembrar!.

AS CARTAS DA PIDE--JANEIRO DE 1934

Depois da prisão do meu cunhado Acácio Tomaz de Aquino, sua com-
panheira e filho, (nem um garoto de 6 anos escapou à ira dos "
alçacianos" améstrados da Rua António Maria Cardoso), minha com-
panheira correu ao meu encontro a informar-me do que se passava
e assim me pôs a salvo das garras daqueles monstros de formas hu-
manas.

Ainda atacados de hidrofobia os cachorros voltaram mais uma vez.
Como a casa se encontrava encerrada estavam dispostos a abrir a
porta a tiro; quando se dispunham a faze-lo, uma vizinha referindo-
se à minha pessoa, disse-lhes: ai coitado, ele está doente! Res-
posta imediata: nós sabemos que ele é doente, nós lá tratamos dele.

Quando regressei a Lisboa logo procurei alguém que me desse in-
formações acerca do que se passava. Passados dias encontrei-me
finalmente com o Conrado e assim me juntei de novo as reduzido
Comité Nacional.

Como havia dificuldade na correspondencia fiquei com essa missão.
Tudo correu normalmente até ao dia que recebi cinco cartas. Cpmo
foi resolvido eu abrir a correspondencia, fi-lo de imediato. Uma
dessas cartas lembrava que fosse alguém ao comboio correio do Porto
esperar um delegado do comité do norte que ao sair da carruagem
abriria O Primeiro de Janeiro, jornal do Porto.



Como desconhecia as horas da chegada e qual a estação, dirigia-me a Alcantara para me informar; por sorte encontrei o camarada Carlos Silva e dei-lhe a carta a ler; depois de a ler diz-me: tu não vais à estação porque corres o risco de ser preso, isto é uma armadilha.

Como a carta referia o Dionisio, delegado do Comité do Norte eu insistia porque havia pouco tempo ~~que~~ tinham^{os} reunido com ele. Mas que o Dionisio estava preso e eu que desconhecia! Em presença deste facto desisti.

Na madrugada do dia seguinte a policia entrou em minha casa, onde eu não estava e prenderam a minha companheira.....

Surpreza
CAMARADAS QUE JAMAIS ESQUECEREI

Para a aquisição de material, desloquei-me naquela noite de breu, ao local combinado, ao encontro de pessoa, que não conhecia, cujo material estava em seu poder.

Arrumado o negocio cada um seguiu o seu destino.

Quando me dispunha a regressar a casa começo a ver vultos a sair de entre os arbustos em minha direcção; estou arrumado, pensei, mas enganei-me; os fantasmas que tinha visto, eram os camaradas que tinham combinado o negocio, que sem eu saber resolveram ir ao local para me defenderem em caso de azar pois o individuo, segundo me informaram não era de grande confiança.

Surpreendido com o facto, fui acometido duma comoção tal que não pude evitar os bagos que me correram pelo rosto.

Registo êste pormenor simplesmente pela emoção que senti.

ARTUR MODESTO



Esboço mini de minha autobiografia que me foi pedido para
uma enciclopédia a publicar em França.

BN

Nestes breves apontamentos biográficos pretendo apenas men-
cionar uns simples pormenores ainda no meu pensamento, passa-
dos durante a minha ^{prática} ~~prática~~ actuação no campo da luta pela li-
bertação do homem

A GREVE GERAL DE NOVEMBRO DE 1918

-Mini esboço-

O custo de vida agravava-se cada vez mais; os movimentos pró- au-
mento de salários eram constantes mercê do desequilíbrio eco-
nómico provocado pela hecatombe que avassalou o mundo nos anos de
1914-18.

A central operária de então, a União Operária Nacional, (U.O.N.)
conscia de que os aumentos de salários nada resolviam, e nem re-
solvem, porque se os operários beneficiavam cinco, os géneros au-
mentavam dez, depois de consultar os sindicatos seus filiados,
proclama a dezoito do mês e ano acima citados a greve geral contra
a carestia da vida.

Cito este pormenor por ser neste movimento em que actuei como
membro do comité local, que recebi o meu batismo de fogo- a minha
primeira prisão.

(Em Beja)

A GREVE DOS TRABALHADORES DAS MINAS DE ALJUSTREL

XXXXXXXXXXXXXX

Desejaria descrever mais desenvolvidamente factos inolvidáveis
que me foi dado presenciar neste movimento

Tem a organização sindical operária de Beja, aderente à C.G.T.,
a página mais brilhante da sua história, ligada à greve dos tra-
balhadores das minas de Aljustrel.



A acção dos sindicatos Bejenses foi um dos grandes pilares da-
quele grande movimento, pela solidariedade prestada.

Os trabalhadores Bejenses cumpriram altivamente, humanamente com o
seu dever, quer recebendo carinhosamente as crianças, filhos dos
mineiros em luta, quer contribuindo com importancias arrancadas
às suas tão depauperadas bolças.

Nunca a comissão de apoio aos grevistas da qual fiz parte, se di-
rigiu aos lares dos trabalhadores de Beja, por mais pobres que
fossem, que não se sentisse o calor daqueles humildes corações
que tanto sofrem e sabem sentir o sofrimento dos outros também.

O regresso da miudagem aos lares paternos, constituia um quadro
deveras emocionante que nem quero lembrar!.

AS CARTAS DA PIDE-JANEIRO DE 1934

Depois da prisão do meu cunhado Acácio Tomaz de Aquino, sua com-
panheira e filho, (nem um garoto de 6 anos escapou à ira dos "
alçacianos" améstrados da Rua António Maria Cardoso), minha com-
panheira correu ao meu encontro a informar-me do que se passava
e assim me pôs a salvo das garras daqueles monstros de formas hu-
manas.

Ainda atacados de hidrofobia os cachorros voltaram mais uma vez.
Como a casa se encontrava encerrada estavam dispostos a abrir a
porta a tiro; quando se dispunham a faze-lo, uma vizinha referindo-
se à minha pessoa, disse-lhes: ai coitado, ele está doente! Res-
posta imediata: nós sabemos que ele é doente, nós lá tratamos dele.

Quando regressei a Lisboa logo procurei alguém que me desse in-
formações acerca do que se passava. Passados dias encontrei-me
finalmente com o Conrado e assim me juntei de novo ao reduzido
Comité Nacional.

Como havia dificuldade na correspondencia fiquei com essa missão.
Tudo correu normalmente até ao dia que recebi cinco cartas. Como
foi resolvido eu abrir a correspondencia, fi-lo de imediato. Uma
dessas cartas lembrava que fosse alguém ao comboio correio do Porto
esperar um delegado do comité do norte que ao sair da carrruagem
abriria O Primeiro de Janeiro, jornal do Porto.



Como desconhecia as horas da chegada e qual a estação, dirigia-me a Alcantara para me informar; por sorte encontrei o camarada Carlos Silva e dei-lhe a carta a ler; depois de a ler diz-me: tu não vais à estação porque corres o risco de ser preso, isto é uma armadilha.

Como a carta referia o Dionisio, delegado do Comité do Norte eu insistia porque havia pouco tempo ~~que~~ tinham^o reunido com ele. Mas que o Dionisio estava preso, e eu que desconhecia! Em presença deste facto desisti.

Na madrugada do dia seguinte a policia entrou em minha casa, onde eu não estava e prenderam a minha companheira.....

Apnoio
~~Camadas~~ QUE JAMAIS ESQUECEREI

Para a aquisição de material, desloquei-me naquela noite de breu, ao local combinado, ao encontro de pessoa, que não conhecia, cujo material estava em seu poder.

Arrumado o negocio cada um seguiu o seu destino.

Quando me dispunha a regressar a casa começo a ver vultos a sair de entre os arbustos em minha direcção; estou arrumado, pensei, mas enganei-me; os fantasmas que tinha visto, eram os camaradas que tinham combinado o negocio, que sem eu saber resolveram ir ao local para me defenderem em caso de azar pois o individuo, segundo me informaram não era de grande confiança.

Surpreendido com o facto, fui acometido duma comoção tal que não pude evitar os bagos que me correram pelo rosto.

Registo êste pormenor simplesmente pela emoção que senti.

ARTUR MODESTO

